

★ A POTÊNCIA EMOCIONAL DO SOM COMO AS TRILHAS SONORAS MOLDAM A EXPERIÊNCIA DOS OUVINTES E APROXIMAM PESSOAS DO AMBIENTE MUSICAL

Eleonora Bronzoli

É atriz formada no técnico (2021) e em Bacharel e Licenciatura (2023-2025) na escola Célia Helena Centro de Artes e Educação. Já participou de diversos espetáculos musicais, dando destaque para a turnê pelo Brasil com o espetáculo “O encanto da Família Madrigal” da Disney pela M2RProduções. cursou Teoria Musical pelo Mousikê Central Arts. Já realizou assistência de direção musical para André Cortada em musical. Atualmente é professora de canto do Conservatório Ernesto Nazareth e do Espaço Vitfer de André Vitfer. É dançarina formada em ballet e jazz.

Resumo: A ideia central desta pesquisa surgiu após ouvir os relatos do público pós concerto do tema trilhas sonoras marcantes com o Coral Voz&Arte, do qual participo há três anos. A pesquisa investiga como a trilha sonora pode ser utilizada como ferramenta expressiva na criação cênica e musical com jovens, estimulando escuta ativa, memória afetiva e criatividade. O estudo parte do contexto de constante exposição dos jovens à produções audiovisuais e busca formas de apropriação crítica e criativa desses recursos no ambiente escolar. Fundamenta-se em Koelsch (2011), sobre música e memória; Suzel Reily (2014), sobre música e práticas de memória; e Tragtenberg (1999), sobre dramaturgia sonora. O trabalho se desenvolve em duas frentes: análise teórica dos aspectos expressivos e simbólicos da trilha sonora na cena e produção de um documentário, em fase final de edição, com entrevistas a profissionais da área.

Palavras-chave: Som na cena; memória afetiva; experiência; pedagogia sensível.

THE EMOTIONAL POWER OF SOUND HOW SOUNDTRACKS SHAPE LISTENERS' EXPERIENCES AND BRING PEOPLE CLOSER TO THE MUSICAL ENVIRONMENT

Abstract: The central idea for this research emerged after hearing audience reports after a concert on the theme of “Striking Soundtracks” with the Voz&Arte Choir, of which I have been a member for three years. The research investigates how soundtracks can be used as an expressive tool in stage and musical creation with young people, stimulating active listening, affective memory, and creativity. The study begins with the context of young people’s constant exposure to audiovisual productions and seeks ways to critically and creatively appropriate these resources in the school environment. It is based on Koelsch (2011), on music and memory; Suzel Reily (2014), on music and memory practices; and Tragtenberg (1999), on sound dramaturgy. The work develops on two fronts: a theoretical analysis of the expressive and symbolic aspects of soundtracks on stage and the production of a documentary, in the final editing phase, with interviews with professionals in the field.

Keywords: sound on stage; affective memory; experience; sensitive pedagogy.

Introdução

Música em todos os seus gêneros e formatos é um potente criador de emoções e conectividade. Afinal, ela é um recurso universal da humanidade: em todas as culturas e sociedades que conhecemos, humanos produzem música (Koelsch, 2011). Seja desde quando essa arte era usada de maneira ritualística, para se agradecer ou trazer prosperidade para uma caça, até os dias de hoje que envolvem a música para um *hobby* ou como um produto mercadológico.

Neste trabalho vamos considerar os elementos musicais de uma obra como campo expandido envolvendo tanto a composição musical presente em uma produção como os elementos sonoros diversos, ligados à sonoplastia. Isso porque, para este estudo, são de interesse os elementos auditivos de uma obra, musicais ou extramusicais, para se compreender melhor a criação e o uso de trilhas sonoras, visando que “ela envolve não só a música, mas também o diálogo, algum tipo de narrativa, voz, os efeitos sonoros também. Então, na verdade, trilha sonora é esse conjunto sonoro de um projeto” (Leitão, 2025, entrevista).

Segundo os estudos de Marcos Machado Chaves, nossa sociedade é muito mais estimulada de maneiras visuais do que com acessos auditivos, mas eles estão ali e nos atravessam e influenciam a todo instante, seja com um anúncio que possui um *jingle* marcante ou com sons cotidianos, como o som de fechamento de portas de um metrô.

Em vista disso, usando de processos de composição musical e de condicionamentos sociais, criou-se o conceito de trilha sonora para diferentes mídias. A trilha sonora desempenha um papel fundamental nas artes cênicas e no audiovisual, sendo um dos elementos mais poderosos para moldar a experiência do público. Desde os primórdios do teatro e do cinema, a música e os efeitos sonoros têm sido usados para acentuar a narrativa, criar atmosferas e evocar emoções.

Esses sons que criam essas ambientações desenvolvidos por trilheiros partem de técnicas que se relacionam com nosso sistema emocional, por

isso também são capazes de nos evocar memórias e sensações já vividas. Seria como você assistir a um filme de ação qualquer e nele começar a tocar como referência a música tema do *Indiana Jones*, que na hora será reconhecida pelo público e levada a cenas do filme original e ao perfil de personagem que aquela música fala, pois através de sua orquestração e dinâmica marcantes, clássicas de temas heroicos, conectam o expectador com a ideia de ambientação desejada. Também no teatro, se por um exemplo tocasse a música *Marcha Nupcial*, já associada socialmente em nossa cabeça a cenas de casamento, já saberíamos que um casamento ou tema relacionado a isso apareceria na peça mesmo sem os personagens anunciarem o momento.

Desde o nascimento, somos condicionados auditivamente a determinadas sensações. Um exemplo disso, no campo musical, é a associação entre tons maior e menor: o primeiro geralmente evoca alegria e luminosidade, enquanto o segundo está relacionado à melancolia e tristeza. No entanto, essa conexão não é inata, mas resultado de um processo de aprendizado. Se uma criança crescesse ouvindo acordes menores em momentos felizes em família, sua percepção poderia ser completamente diferente. Desde cedo, somos expostos a diversas influências sonoras que, mesmo sem intenção, moldam nossa sensibilidade musical e emocional. Um exemplo disso, são os desenhos infantis.

Como é que você vai passar para uma criança ali que aquela coisa é ruim? Se você colocar uma música de medo, ela já vai saber que aquela atitude de vilão daquela bruxa não é legal porque ela está sentindo medo. Ela não quer sentir medo, ela está sentindo medo porque a gente está usando recursos para ela sentir medo. E esses recursos são colocar dissonâncias, colocar [...] várias técnicas de escrita de música para você atingir desejados efeitos. Porque você pode tanto escrever a música depois do filme ou escrever música junto com o cara, ou escrever antes (Cortada, 2024, entrevista).

Para além de apenas apreciação e prazer proporcionado por uma sequência de acordes musicais, a finalidade terapêutica que esses sons podem proporcionar data também de tempos ancestrais, de acordo com estímulos que gerados por reações fisiológicas que fazem ligação direta com o cérebro emocional e o cérebro executivo (Muskat, 2012). O cérebro executivo ligado à uma área mais racional, responsável pelo planejamento, tomada de decisão e controle inibitório de respostas e comportamentos e o cérebro emocional ligado ao sistema límbico, responsável por gerenciar emoções, memórias e respostas automáticas. Compreender essa interação entre as duas partes do cérebro pode ser capaz de ajudar na autorregulação emocional e melhorar a tomada de decisões. É neste ponto que uma visão pedagógica pode ser inserida.

O educando mesmo sem conhecimentos específicos sobre musicalidade, dispõe de um “sistema automático de recepção musical”. Este sistema ao ter contato com diversas formas de manifestações sonoras, de forma consciente ou inconsciente, desperta competências que favorecem a relação eficaz, com o sociocultural, valores políticos-ideológicos e até mesmo com conhecimentos específicos de diversas áreas do estudo (Félix et al., 2014, p.18).

A trilha sonora, em toda sua composição e campos harmônicos, pode ter um grande potencial para ser o ponto de partida para grandes criações de personagens e até obras inteiras a partir do som e as lembranças e sensações que ele evoca.

Origem e evolução da trilha sonora

A trilha sonora, como uma estrutura de música e efeitos sonoros que acompanham e complementam uma narrativa, evoluiu ao longo do tempo em diferentes contextos culturais e históricos. Desde o Teatro Antigo na Grécia Antiga (c. 500-300 a.C.) a música já acompanhava a dramaticidade das tragédias e comédias do Teatro Grego. Os

coros cantavam e dançavam em torno da ação, comentando a narrativa e adicionando profundidade emocional às peças. A música era ao vivo e desempenhava um papel significativo para estabelecer a ambientação da cena. Porém o termo trilha sonora em si é marcado com o cinema, especificamente no final do século XIX e início do século XX, quando se tinha o cinema mudo acompanhado por pianistas e pequenas orquestras que tocavam ao vivo junto com os filmes, criando uma atmosfera que ajudava a transmitir as emoções e a narrativa da obra cinematográfica.

No teatro em si é difícil dizer de maneira tão definitiva o que seria trilha sonora e se somente esse nome faz jus a uma gama de pessoas que partilham do processo de se criar ambientação em uma cena ao vivo. Antigamente, em sua concretização cênica a música entrava na história de uma peça através de coralistas e instrumentistas que estavam em cena atuando em conjunto com os outros atores não-cantores, porém no teatro contemporâneo a produção de sons foi tomando uma proporção gigantesca que em produções modernas entra desde um preparador vocal até um sonoplasta que soltará sons já gravados e editados por outro profissional. Como diria Lívio Tragtenberg, compositor e saxofonista, há um dilema em definir trilha sonora no teatro por se tratar de um material vivo e presente no momento em que acontece, diferentemente do cinema, ele constata que:

Um pouco diversa é a situação do teatro e da dança que, mesmo incorporando elementos das novas tecnologias, é por definição uma linguagem que acontece no tempo e espaço reais. Irremediavelmente artesanais, em escala humana, e de reprodutibilidade limitada, são linguagens que possibilitam uma atuação mais crítica e independente do elemento sonoro, que ganha um espaço e importância criativa maior, ao contrário de contexto industrial da cultura de massa (Tragtenberg, 1999, pg.14).

É realmente difícil encontrar tantas referências

bibliográficas que nos definem com convicção a sonoridade no teatro, mas, como já pontuado, ela é de vasta pesquisa que envolve uma gama gigantesca de pessoas no processo. O conceito em si de trilha sonora no teatro pode ser considerado e analisado desde a questão da musicalidade presente em uma fala, como já refletia e considerava o grande diretor e encenador russo Constantin Stanislávski, ao dizer que “o texto de um papel ou uma peça é uma melodia, uma ópera ou uma sinfonia [...] quando um ator de voz bem trabalhada e magnífica técnica vocal diz as palavras de seu papel, sou completamente transportado por sua suprema arte” (Stanislavski, 2004, pg.128). O teatro como um todo pulsa e necessita de sonoridade, pois é material vivo e poroso a todo instante, ele acontece e se dá no momento real. Somos, assim como a música, formados por vibrações que pulsam em diferentes frequências. Partindo disso, no teatro a melhor maneira de se atingir um nível emocional intenso com a cena é trabalhar com a interação dessas vibrações, internas e externas, musicais e humanas.

No cinema a verdadeira revolução veio em 1927, de acordo com o professor de TV e Cinema e de Estética e Comunicação de Massa na Escola de Comunicação Social na UCPel, Joari Reis (1995), com o lançamento de *O cantor de jazz*, de Alain Crosland, pela Warner Brothers que introduziu o som sincronizado no cinema. Esse marco representou a transição do cinema mudo para o cinema sonoro, permitindo que o público ouvisse pela primeira vez as vozes dos atores e a música gravada diretamente no filme. Embora Thomas Edison tenha sido o pioneiro dessa ideia em 1913, sincronizando imagens com o fonógrafo, sua invenção não foi bem recebida pela indústria cinematográfica na época. Com o advento do cinema falado, as trilhas sonoras passaram a ser concebidas de forma mais consciente, sincronizando música, diálogos e efeitos sonoros com precisão.

Nas décadas de 1930 a 1950, as trilhas sonoras se tornaram mais complexas, e os estúdios de Hollywood começaram a contratar compositores

renomados. Grandes orquestras dominaram as trilhas sonoras, com influências da música clássica. Compositores como Max Steiner, conhecido por *E o vento levou* (1939) e “King Kong” (1933), e Bernard Herrmann, colaborador de Alfred Hitchcock, foram pioneiros na criação de trilhas que moldavam a narrativa e intensificavam o drama. A música era usada para enfatizar emoções, introduzir temas e criar *leitmotivs* — temas recorrentes associados a personagens ou situações.

Atualmente, as trilhas sonoras são extremamente sofisticadas, com composições que podem ser orquestradas, eletrônicas ou uma fusão de estilos. Além disso, o uso de canções populares e clássicas continua a criar impacto emocional. Compositores como Ludwig Göransson, responsável pelas trilhas de *Pantera Negra* (2018) e *Mandaloriano* (2019), e Trent Reznor e Atticus Ross, com *A rede social* (2010) e *Mank* (2020), estão expandindo as possibilidades das trilhas sonoras, utilizando desde grandes orquestras até paisagens sonoras experimentais. As trilhas sonoras contemporâneas influenciam não apenas o cinema, mas também a televisão, os videogames e a realidade virtual, criando experiências cada vez mais imersivas.

Compreende-se que a trilha sonora surgiu em contextos diferentes e evoluiu ao longo do tempo para se tornar um elemento essencial na criação de experiências narrativas imersivas tanto no teatro quanto no audiovisual. No teatro, suas origens estão enraizadas na música e sonorização ao vivo que acompanhava as performances dramáticas, enquanto no audiovisual, a trilha sonora começou com a música ao vivo em filmes mudos e se desenvolveu para incluir composições complexas e técnicas de produção de som sofisticadas. Cada meio influenciou e inspirou o outro ao longo do tempo, moldando a forma como entendemos e utilizamos a trilha sonora hoje.

Procedimentos para se conectar com a dimensão sensível do espectador

A música de cena, incluindo os efeitos sonoros,

é criada com base nas inspirações do dramaturgo do som, termo utilizado por Tragtenberg (1999). Para atingir os objetivos emocionais e sensoriais do espectador – foco central deste trabalho –, a composição requer o uso de artifícios que a orientam. Os sons surgem da interseção entre técnica, historicidade social e o ponto de vista dos agentes criativos (diretores, atores, performers) dentro da obra.

Para utilizar da técnica, é fundamental compreender como grande parte de sua formação e criação deriva de influências passadas que continuam a nos moldar. Como exemplo disso, podemos citar a relação das escalas maiores e menores que conhecemos hoje e que justamente são uma das ferramentas nas composições para criar contraste e expressão emocional.

A construção das escalas maior e menor é resultado de um longo processo de desenvolvimento musical, que remonta à Antiguidade e evoluiu por meio das tradições gregas, medievais e renascentistas até a consolidação do sistema tonal na música ocidental. Na Grécia Antiga, a teoria musical baseava-se nos modos gregos, que eram sequências específicas de tons e semitons derivadas das escalas diatônicas. Esses modos serviram de base para a música da época e influenciaram diretamente o desenvolvimento das escalas ocidentais. Pitágoras, por volta do século VI a.C., desenvolveu um sistema de afinação baseado na razão matemática entre as frequências dos sons, conhecido como a escala pitagórica. Esse sistema influenciou profundamente a construção das escalas musicais e o entendimento das relações intervalares. Essa história passa por vários períodos e mudanças até o desenvolvimento da harmonia funcional, quando os modos dóricos e jônios começaram a ser mais utilizados, enquanto outros foram sendo progressivamente abandonados. Essa mudança abriu caminho para o surgimento do sistema tonal baseado nas escalas maior e menor.

Atualmente, as escalas maior e menor continuam sendo fundamentais na teoria e prática musical, sendo utilizadas tanto na música erudita

quanto nos diversos gêneros da música popular. Sua evolução reflete a própria história da música ocidental, demonstrando a adaptação constante dos sistemas musicais às necessidades expressivas de cada época.

A história por trás desse elemento musical é extensa e complexa, mas já é possível compreender sua influência nos dias de hoje. Assim, torna-se essencial entender o passado para aplicá-lo nas criações do futuro, conferindo profundidade e relevância à trilha sonora, que deve ser uma obra completa em si mesma e, ao mesmo tempo, dialogar com a obra cênica. Como afirma Tragtenberg, “só a ignorância histórica pode justificar a visão de que a música de cena é uma criação artística de segunda categoria porque opera em relação a outros códigos e não por e para si” (Tragtenberg, 1999, pg. 19). Dessa forma, embora a compreensão e o registro histórico sejam aspectos fundamentais na composição, eles não devem restringir a liberdade criativa do compositor.

A visão mercadológica que trata a música de cena como elemento secundário na obra é criticada por Tragtenberg:

Essa visão míope coloca de um lado as formas e gêneros musicais estabelecidos, como ópera, sinfonia, canção, cantata, oratório, missa e, mais recentemente, o teatro musical; e, de outro, a música para teatro, cinema, dança, vídeo e televisão, sem levar em conta que existe uma interação entre ambos, tanto em relação ao arsenal técnico consolidado quanto às estratégias expressivas (Tragtenberg, 1999, p. 19).

Para uma criação eficaz, é necessário que direção musical e cênica estejam em sintonia, considerando que tanto o tempo quanto os aspectos estilísticos devem ser alinhados. O tempo, em especial, é um elemento comum entre música e teatro (Holmberg, 1996). Embora a experiência da peça seja percebida de forma diferente pelo espectador e pelo criador, a harmonia estilística entre encenação e trilha sonora é crucial.

Para criar uma conexão emocional com o público, podem ser utilizadas técnicas que exploram aspectos como tema, orquestração, ritmo, harmonia e melodia. O tema é o elemento central de uma composição, responsável por capturar a essência emocional e narrativa da cena. Ele pode ser uma melodia marcante, uma combinação rítmica ou um motivo harmônico que se repete e evolui ao longo da obra. Em trilhas sonoras, temas associados a personagens ou situações específicas (*leitmotiv*) ajudam a criar reconhecimento emocional imediato no espectador.

A orquestração envolve a escolha dos instrumentos e a distribuição das vozes musicais. Cada instrumento carrega timbres e associações simbólicas que podem ser exploradas para intensificar o impacto da cena. Por exemplo:

- Cordas: frequentemente associadas a emoções profundas, como tristeza ou paixão.
- Metais: indicam poder, heroísmo ou ameaça.
- Percussão: amplifica tensão ou cria dinamismo. Uma boa orquestração harmoniza esses elementos de forma a dialogar com a narrativa visual.

O ritmo estabelece o movimento e a energia da trilha. Ele pode ser usado para criar tensão (ritmos acelerados e irregulares) ou calma (padrões lentos e regulares). A sincronização do ritmo musical com a ação cênica é essencial para potencializar a imersão. Aqui entramos com a Técnica do Relógio que muito relaciona-se com o ritmo musical. Essa técnica consiste em estruturar a música com base na duração exata das cenas ou momentos cênicos, como se cada trecho fosse cronometrado. Isso garante uma integração perfeita entre som e imagem, resultando em uma experiência sincronizada que amplifica o impacto emocional. Por exemplo, a entrada de um crescendo orquestral pode coincidir com o clímax de uma cena.

Por fim, pode-se usar da harmonia e melodia. A primeira constrói a atmosfera emocional. Progressões harmônicas em tons maiores evocam

alegria ou esperança, enquanto tons menores sugerem tristeza ou mistério. Harmônicos dissonantes podem gerar tensão ou suspense. A segunda funciona como a “voz” da música, sendo o elemento mais memorável. Melodias simples e repetitivas tendem a se conectar rapidamente com o público, enquanto melodias complexas podem transmitir sofisticação ou confusão.

Ao explorar esses elementos de forma integrada e em sintonia com a direção cênica, é possível criar trilhas que não apenas complementam a narrativa, mas também conduzem o espectador a uma experiência emocional intensa e inesquecível.

Trilha sonora e memória afetiva

De acordo com os estudos de Burke, a memória e a comunicação estão intrinsicamente ligadas, pois é através da lembrança e do intercâmbio de informações que damos sentido às nossas vivências e as transmitimos aos outros (Burke, 2003). A partir desse entendimento, podemos perceber o papel fundamental da memória e as influências externas que ela recebe em nosso processo de aprendizagem e transmissão de conhecimentos. Sem memória, a música não existiria, pois desde o aprendizado e armazenamento dos signos musicais até sua execução — seja por meio do uso do aparato vocal ou da mobilização muscular (memória motora) para tocar um instrumento — dependemos da memória para produzir e reproduzir sons.

Além disso, toda performance musical ocorre em um espaço e tempo específicos, inserindo-se em um contexto social que evoca memórias tanto individuais quanto coletivas. A experiência musical vivida em determinado momento pode se transformar, posteriormente, em lembrança, marcando indivíduos e grupos. Essa relação entre música e memória também nos ajuda a identificar diferentes estilos musicais e a associá-los a emoções e experiências particulares.

No exemplo acima, observamos um exercício de memórias individuais ligadas ao aprendizado

musical. No entanto, a música também permite a construção de memórias compartilhadas. Quando um grupo de pessoas canta uma canção em conjunto, o simples fato de todos conhecerem a melodia e entoá-la coletivamente representa a ativação e a afirmação de uma memória coletiva. Esse ato reúne não apenas o conhecimento musical, mas também os contextos individuais nos quais cada participante conheceu e experienciou aquela música pela primeira vez. Além disso, os espectadores da performance também se envolvem na criação da memória daquele momento. Como destaca Reily, “Toda performance musical faz parte de um universo estético reconhecível e reconhecido por seus participantes, mas também por aqueles que são excluídos dele” (Reily, 2014, pg. 2). Dessa forma, a memória se manifesta tanto como prática quanto como um espaço de encontro entre as esferas socioculturais e biológicas do ser humano (Reily, 2014).

A memória é um passado que continua fluindo, revivendo-se e resignificando-se constantemente. Quando armazenamos lembranças musicais, ativamos sistemas neurais que nos permitem reconhecer variações de um mesmo tema. Por exemplo, ao ouvirmos *Vamos fugir*, originalmente gravada como reggae por Gilberto Gil, e depois reinterpretada como rock pelo Skank, somos capazes de identificar a melodia e perceber a adaptação, pois já armazenamos a versão original em nossa memória. Assim, a criação da memória musical envolve não apenas a melodia em si, mas também o contexto do evento, suas motivações, a relação com outros momentos, episódios inesperados e muitas outras camadas de significado. Essas experiências são codificadas e integram um repertório individual e coletivo, reafirmando o papel essencial da memória na construção da nossa identidade musical.

Memória e identidade: Entre corpo, cultura e história

Para se pensar em memória e construção, é essencial ter em mente que somos formados por diferentes dimensões da memória: social, biológi-

ca, contextual e ancestral. A música e as sonoridades, enquanto expressão humana universal, estão intimamente conectadas a todas essas formas de memória, desempenhando um papel fundamental na construção e transmissão de identidade e experiências.

A memória biológica, que se refere aos processos neurológicos responsáveis pela retenção de informações, é essencial na aprendizagem musical. É por meio dessa memória que somos capazes de aprender e reproduzir sons, ritmos e melodias. Quando tocamos um instrumento, por exemplo, utilizamos a memória muscular, que nos permite executar movimentos repetitivos sem a necessidade de um esforço cognitivo constante. Assim, a memória biológica sustenta a execução técnica da música, permitindo que nos conectemos com as estruturas sonoras de forma intuitiva e fluida.

A memória social, por sua vez, conforme aponta Connerton, é composta pelas recordações e imagens do passado que um determinado grupo social escolhe preservar (Connerton, 1989). Ela emerge de um processo coletivo e seletivo de recordações. Na música, essa memória se manifesta nas tradições musicais de um povo, nas canções populares, nos ritmos regionais e nas práticas culturais transmitidas de geração em geração. A música é uma ferramenta poderosa para a preservação da memória social, pois ela é capaz de carregar e transmitir histórias, crenças e valores coletivos, mantendo viva a identidade de um grupo. Através das canções, os indivíduos reforçam suas conexões com a comunidade e com o passado compartilhado, perpetuando a cultura de forma dinâmica e contínua.

A memória contextual, que está relacionada à nossa experiência e percepção dos eventos dentro de um determinado tempo e espaço, também está intimamente ligada à música. Toda performance musical ocorre em um momento específico, dentro de um contexto social e cultural, que influencia a maneira como a música é recebida e interpretada. O mesmo tema musical pode ser entendido

de forma diferente dependendo do ambiente em que é tocado ou ouvido. Por exemplo, uma música tocada em um festival pode evocar memórias de celebração, enquanto a mesma música tocada em um momento de reflexão íntima pode ter um significado completamente distinto, “você vai num show do Bruno Mars e você ficou com um carinho maravilhoso e ficou feliz pra caramba e dançou. Ai então você vai virar fã do Bruno Mars, porque o Bruno Mars te trouxe grande felicidade, sabe?” (Cortada, 2024, entrevista). A memória contextual nos ajuda a entender como a música interage com o presente e como ela é capaz de resgatar momentos e emoções passadas, adaptando-se ao contexto em que é vivida.

Por fim, a memória ancestral nos conecta às raízes e à herança cultural dos nossos antepassados. A música ancestral carrega consigo as histórias de resistência, identidade e continuidade, passando por meio da oralidade e das tradições, de geração em geração. Canções e ritmos que atravessam o tempo se tornam símbolos de pertencimento, preservando não apenas a herança sonora, mas também as práticas sociais e espirituais que moldaram diferentes culturas. Quando escutamos uma música tradicional ou folclórica, estamos em contato não só com a sonoridade, mas com o imaginário coletivo de uma cultura ancestral, mantendo viva uma memória que transcende o indivíduo e conecta todos ao passado.

Assim, a música se torna um veículo para a construção e preservação da memória, em suas múltiplas dimensões. Através da música, nossa memória é ativada, ressignificada e transmitida, criando uma rede de conexões entre o individual e o coletivo, entre o presente e o passado, entre o biológico e o cultural. Cada melodia, cada acorde, cada letra carrega em si a capacidade de preservar e reconstituir memórias, proporcionando uma vivência contínua e dinâmica que faz da música uma das formas mais poderosas de memória humana.

Considerações finais

A música é uma linguagem invisível que toca onde as palavras não alcançam. Ao longo deste trabalho, foi possível compreender que os elementos sonoros — sejam melódicos, rítmicos ou textuais — compõem muito mais do que um pano de fundo para cenas: além de construir atmosferas, sugerir sentidos, ativar memórias e guiar emoções com uma precisão silenciosa, eles constituem um elemento fundamental e indispensável na cena, no mais, eles são a própria cena em movimento.

A trilha sonora, enquanto arte sonora aplicada, transita entre a técnica e a sensibilidade. Ela nasce de escolhas conscientes, de saberes acumulados ao longo da história da música, mas também brota de intuições, de experiências pessoais, de escutas afetivas. A pessoa responsável pela música/sonoridade, ou dramaturgo(a) do som, é aquele que costura tempo, imagem e emoção em um tecido único, que respira junto com a cena.

Do batuque ancestral ao sintetizador contemporâneo, a música sempre esteve lá, moldando experiências e criando pontes entre o mundo interior e o exterior. Cada som carrega consigo um tempo, um lugar, uma história. E é nesse entrelaçar de história – individuais e coletivas – que reside sua força maior: a capacidade de nos fazer sentir antes mesmo de compreender.

Ao olhar para a música sob a ótica da memória, compreendemos também seu poder de eternizar instantes. Uma melodia pode carregar um tempo inteiro, um gesto esquecido, uma sensação vivida e agora revivida. A sonoridade é, assim, memória em movimento – viva, pulsante, renovada a cada escuta.

Portanto, mais do que um complemento estético, a trilha sonora é parte estrutural da narrativa cênica e audiovisual. Ao unir técnica, emoção, cultura e história, ela se revela como uma forma plena de expressão, capaz de dialogar com o presente e, ao mesmo tempo, de acessar o que há de mais profundo no ser humano: sua capacidade de sentir,

lembrar e se conectar.

A partir dessas reverberações, é possível usar do campo da experiência musical para acessar momentos ou sensações que podem impulsionar criações inéditas partindo do imaginário do ouvinte jovem. Esse movimento de parar um instante e se conectar ao momento com uma escuta ativa no som/música, fará com que eles inevitavelmente se conectem ao ambiente musical que lhes é proporcionado, assim, também sendo essa sonoridade capaz de levá-los a alguma memória ou sensação conhecida pelo indivíduo para que a partir dela a ideia de algum projeto criativo seja por eles desenvolvida. Trazendo para os estudantes dessas sonoridades particulares, uma autonomia e vivência reais dos seus processos criativos.

Referências

- ALVES, B. M. Trilha Sonora: o cinema e seus sons. **Novos Olhares**, São Paulo, 1(2), 2012. 90-95.
- BORGES, A. B. A importância da trilha sonora na composição emocional dos filmes. **CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB**. Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas -FATECs Curso de Comunicação Social. Brasília. 2013. Disponível em: <<https://repositoriouniceub.br/jspui/handle/235/4005>> Acesso em: 21 jul. 2025.
- BURKE, P. **Uma história social do conhecimento I: De Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CARMO, A.; DUARTE, M.; SOUZA, Caio Silva e. A criação de trilha sonora como elemento de desenvolvimento musical. **Revista de Educação Dom Alberto**, v. 1, n. 6, p. 40-61, 2014.
- CHAVES, M. M. **A TRILHA SONORA TEATRAL EM PAUTA: Experiências de criadores de trilha sonora em Porto Alegre**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Rio Grande do Sul, 2011, p.231.
- CONNERTON, P. **How Societies Remember**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- CORTADA, A. Entrevista concedida a Eleonora Scremin Bronzoli. São Paulo, 14 de out. 2024.
- FÉLIX, G. F. R.; JÚNIOR, W. O.; SANTANA, H. R. G. A música como recurso didático na construção do conhecimento. **Cairu em Revista**, v. 3, n. 4, 2014, p. 17-28.
- HILL, A. **Scoring the Screen: The Secret Language of Film Music**. Wisconsin: Hal Leonard, 2017.
- HOLMBERG, A. **The Theatre of Robert Wilson**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1996.
- IMBROISI, M.; MARTINS, S. Períodos, Compositores e Obras. **História das Artes**. 2025. Disponível em: <<https://www.historia-dasartes.com/som-camera-acao/musica/periodos-compositores-e-obras/>> Acesso em: 22 mar. 2025.
- KOELSCH, S. Toward a Neural Basis of Music Perception – A Review and Updated Model. **Frontiers in Psychology – Auditory Cognition Neuroscience: N° 10.3389/fpsyg.2011.00110**, 2011. Disponível em: <<http://journal.frontiersin.org/Journal/10.3389/fpsyg.2011.00110/abstract>> Acesso em: 20 out. 2024.
- LEITÃO, F. Entrevista concedida a Eleonora Scremin Bronzoli. São Paulo, 5 de fev. 2025.
- MEDEIROS, C. B. Música e Matemática: da teoria musical à razão e proporção. 2024. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação (Licenciatura em Matemática) - Câmpus Central - Sede: Anápolis - CET - Ciências Exatas e Tecnológicas Henrique Santillo, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, GO, 2024, p.31.
- MUSZKAT, M. **Música, Neurociência e desenvolvimento humano**. A Música na Escola. São Paulo: ALLUCCI & ASSOCIADOS COMUNICAÇÕES, 2012.
- REILY, S. A. A música e a prática da memória – uma abordagem etno-musicológica. **Música e cultura**, v. 9, n. 1, 2014, p. 88-104.
- REIS, J. Breve história do cinema. Pelotas: Educat, 1995.
- STANISLAVSKI, C. **A construção da personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- TRAGTENBERG, L. **Música de cena: Dramaturgia Sonora**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 1999.

Recebido 15/08/2025

Aprovado 18/08/2025